



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE UNB PLANALTINA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL
(PPG-MADER)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – ESCOLA DA
TERRA**

**Economia e Sustentabilidade no Assentamento Márcia
Cordeiro Leite, localizado na área rural de Planaltina/DF:
Desafios e Experiências**

Ziziléia José Vasco Cavalcante

Célia Luchese

BRASÍLIA-DF

2023

**Economia e Sustentabilidade no Assentamento Márcia Cordeiro Leite,
localizado na área rural de Planaltina/DF: Desafios e Experiências**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização
em Educação do Campo da Universidade
de Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Educação do Campo.

Orientador: Luis Antonio Pasquetti

BRASÍLIA-DF

2023

RESUMO

Com intuito de poder contribuir com a aprendizagem dos estudantes do Assentamento Márcia Cordeiro Leite, e conhecer um pouco da realidade dos seus familiares, foi realizada algumas pesquisas, como questionário e visitas a comunidade. Através dos resultados a escola Centro Educacional Osório Bacchin, poderá incluir essas informações em suas ações. A escola tem um papel muito importante com os seus alunos e sua comunidade, contribuindo com formação de um sujeito protagonista que luta pelo seu espaço como cidadão que conhece e defende sua história.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Assentamento, Escola, Produção

ABSTRACT

In order to be able to contribute to the learning of the Márcia Cordeiro Leite Settlement's students, and to know a little about the reality of their families, some research was carried out, such as a questionnaire and visits to the community. Through the results, the Osório Bacchin Educational Center School will be able to include these piece of informations in its actions. The school plays a very important role in both its community and students, contributing to the formation of a protagonist student who fights for his space as a citizen who knows and defends his history.

Keywords: Sustainability, Settlement, School, Production

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Placa do Assentamento	12
Figura 2 -Imagens da internet mostrando a localização do Assentamento Márcia Cordeiro Leite	14
Figura 3 - Desenho do caixa que vai fazer parte do canal	16
Figura 4 - Preparando as caixas para armazenamento da água.....	17
Figura 5 - Construção da caixa em si	17
Figura 6 -Pessoal da Emater e moradores perfurando o canal	17
Figura 7 - Mulheres da comunidade preparando frutas secas.....	23
Figura 8 - Frutas secas nas bandejas prontas para o processo de desidratação e materiais feitos da folha de bananeira seca sendo expostos para a venda	24
Figura 9 - Moradora mostrando as caixas de águas que o carro pipa coloca a água	25
Figura 10 - Foto mostrando uma plantação de bananeira	26
Figura 11 - Foto mostrando uma plantação simples de milho	26
Figura 12 - Foto mostrando uma plantação grande milho	26
Figura 13 - Foto mostrando uma chácara com uma construção de uma casa de alvenaria e uma caixa de água de alvenaria também.....	26
Figura 14 - Caixas de água feitas pela caesb, mas não fornece água, por falta de pagamento.....	27
Figura 15 - Parada de ônibus	27
Figura 16 - Entrada de uma chácara que já tem uma estrutura boa de portão e cerca	27
Figura 17 – Símbolo da escola do Campo da Escola Osório Bacchin	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARCON - Associação Rural e Comunitária do Monjolo/1988)

APROVALE - Associação Rural e Comunitária dos produtores Rurais do Vale Verde /1984).

APROCRIMA - Associação de Produtores Rurais e Comunitária do Rio Maranhão

APP - Área de Preservação Permanente

ASFAMCOL/DF - Associação dos Agricultores e familiares do projeto de Assentamento Márcia Cordeiro Leite

CAESB- Companhia de Água e Esgotos de Brasília

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal

FUP - Faculdade UnB Planaltina

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração

MATR – Movimento de apoio ao trabalhador rural

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

PPGMADER -Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural

RL- Engenharia e Meio Ambiente

SEAGRI/DF - Secretaria de Agricultura

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2 – Os desafios econômicos e a sustentabilidade no Assentamento Márcia Cordeiro Leite.....	12
2.1 Visita ao Assentamento.....	14
2.2 Informações da Entrevista com um morador da região.....	15
3 Questionário.....	18
4 Economia no Assentamento Márcia Cordeiro Leite.....	22
5. Sustentabilidade no Assentamento Márcia Cordeiro Leite.....	25
6. Quem são os sujeitos deste território?.....	28
7. O Inventário da Escola: uma construção coletiva com muitas, mentes e mãos.	31
8. Construção do Inventário.....	34
9. CONCLUSÃO.....	40
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido como requisito necessário ao Curso de Especialização em Educação do Campo – Escola da Terra, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPGMADER) da Faculdade UnB Planaltina (FUP).

O objetivo principal foi identificar aspectos econômicos de produção, seus gargalos, desafios e experiências de Famílias Assentadas no Assentamento Márcia Cordeiro Leite, localizado na área rural de Planaltina, Monjolo Distrito Federal.

As professoras Ziziléia Cavalcante e Célia Luchese, escolheram esse tema como forma de contribuir de forma positiva com seus alunos residentes nessa comunidade que sofre com diversas formas de carência, e isso reflete no desempenho do aluno na sala de aula.

Abordaremos temas como: “Os desafios econômicos e a sustentabilidade no Assentamento Márcia Cordeiro Leite “Quem são os sujeitos deste território?” “O Inventário da Escola: uma construção coletiva com muitas, mentes e mãos”. Temos a compreensão da importância da nossa participação na formação do aluno, podendo realizar ações que o ajudam no seu dia a dia e também dos seus familiares.

A aprendizagem é um processo lento e complexo, para sua materialização é necessário estudos contínuos e aprimoramento e o seu fazer de forma a trazer quem aprende a uma imaginação que lhe traga uma visualização do que se quer aprender assim, tornar o percurso, um caminho de longas descobertas e sistematização.

As escolas do campo são sinônimos de luta e conquistas e para sua perpetuação a apropriação do conhecimento científico é o único caminho visualizado.

O estudo voltado para o trabalho traz oportunidades para os jovens crescerem e se realizarem como pessoa, como cidadão, como seres dotados de conhecimentos e sedentos de mudança que traga desenvolvimento onde o rodeia.

Quando se refere “educação para o trabalho”, a escola se torna meio e fim de formação dos seus cidadãos dignos de uma vida tranquila onde se tem uma pessoa realizada profissionalmente e satisfeita com seus objetos e sonhos. A escola conhece esse aluno em sua totalidade, suas fraquezas, seus desafios e suas capacidades. Por

traz de um aluno feliz está um aprender que não o excluí do seu dia-a-dia, da sua rotina.

Hoje vejo como grande desafio na educação os estudos e os projetos oriundos de estudiosos da educação que trazem uma teoria muito rica, mas que a realidade não permite essa aplicação, pois se depara com uma escola despreparada em formação profissional e fisicamente não adaptada. Um modelo que deu certo, não quer dizer que cabe na minha escola, na minha realidade, palavras bonitas e vazias não enchem prato, a cada dia o desafio é maior, pois o sistema de aprendizagem não se atualiza com as tecnologias, temos uma escola do passado, com um aluno do futuro.

O aprender é como uma germinação que precisa de algo simples, mais necessário, não há continuação. Um estudo sem desafios não forma cidadãos preparados para a luta. Os estudantes estão cada vez mais tecnológicos, mas não é capaz de realizar uma simples equação, e isso está no seu currículo de forma abstrata e o objetivo se torna um conhecimento solto que não acrescenta conteúdo para sua memória, e é esquecido rapidamente.

Nosso estudante não se desafiara se o vemos como oprimido, vê-lo como alguém de potencial, passa ele de incapaz para capaz. Ao redor de cada um se tem uma história e essa é cheia de detalhes que o torna único, e essa bagagem está cheia de fios que precisam ser afiados e tecidos.

O estudo sobre a escola do campo vem trazer a nós professores do campo, um incentivo e uma preparação para vemos nosso aluno e nossa escola de forma a casá-los com nosso currículo escolar e a partir daí ter prosperidade.

Um fato que hoje temos é a evasão escolar, menos de 50% dos alunos do campo, fazem ensino médio é necessário garantir uma escola pública para o camponês, feita pra suprir suas dificuldades, alunos evadindo, escolas fechando, triste realidade que bate na nossa porta, essa escola marcada pela exclusão, pela dicotomia entre o rural e o urbano precisa se materializar em uma realidade onde se leve em conta o campo, política pública e educação.

Quando dizemos Por uma Educação do Campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do direito á educação e a escolarização no

campo; e pela construção de escola que esteja no campo, mas que também seja do campo: uma escola política e pedagogicamente vinculada á história, á cultura e ás causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não de um mero apêndice da escola pensada na cidade; uma escola enraizada também na práxis da Educação Popular e da pedagogia do Oprimido(KOLLING, CERIOLI E CALDART, 2002, p. 19).

A formação de um assentamento de Movimento de apoio ao trabalho rural geralmente envolve uma preocupação com a sustentabilidade ambiental e com a preservação dos recursos naturais, como o solo e a água. Muitos assentamentos buscam adotar práticas agroecológicas, que são mais respeitosas com o meio ambiente e visam promover a conservação dos recursos naturais e a segurança alimentar.

Pode envolver várias etapas, incluindo a seleção da área de terra a ser ocupada, a organização dos trabalhadores, a obtenção de financiamento e apoio jurídico, a implantação de infraestrutura básica e a adoção de práticas produtivas adequadas. Durante todo esse processo, a preocupação com o cuidado com o solo e com a água pode ser enfatizada por meio de diversas estratégias, tais como:

Diagnóstico ambiental: Antes de iniciar qualquer atividade produtiva, os assentados podem realizar um diagnóstico ambiental para identificar as características do solo e da água da área ocupada. Isso ajuda a avaliar as condições ambientais locais e a determinar as melhores práticas agrícolas e de manejo.

Capacitação e formação: A capacitação e formação dos assentados sobre práticas agroecológicas pode ser um elemento fundamental para garantir a adoção de técnicas produtivas mais sustentáveis. Essa formação pode incluir oficinas, cursos e treinamentos sobre agroecologia, manejo de solos e água, uso de adubos orgânicos e outras técnicas de produção.

Implantação de sistemas agroflorestais: A adoção de sistemas agroflorestais, que combinam árvores, culturas agrícolas e pastagens, pode ajudar a melhorar a qualidade do solo e a proteger as nascentes de água. Esses sistemas também contribuem para a diversificação da produção e para o fortalecimento da segurança alimentar.

Conservação de nascentes e cursos d'água: A proteção e a conservação de nascentes e cursos d'água pode ser uma estratégia importante para preservar a qualidade da água e garantir o abastecimento das comunidades. Isso pode ser feito por meio da implantação de sistemas de irrigação eficientes, construção de barragens e diques, e pela recomposição de áreas degradadas.

Participação em redes de agricultores agroecológicos: A participação em redes de agricultores agroecológicos pode ser uma estratégia importante para troca de experiências e para o fortalecimento da produção agroecológica. Essas redes podem facilitar o acesso a insumos, informações técnicas e financiamento, além de promover a comercialização dos produtos.

Em resumo, a formação de um assentamento de pode ser uma oportunidade para promover a adoção de práticas agroecológicas e para enfatizar a importância do cuidado com o solo e com a água.

2 – Os desafios econômicos e a sustentabilidade no Assentamento

Márcia Cordeiro Leite



1) Placa do Assentamento

O Assentamento Márcia Cordeiro Leite, situado na zona rural de Planaltina, Distrito Federal, tem origem (MATR) em 2003 é vinculado ao MST-

Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Movimento social que surgiu em 1984, dentro do Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, realizado em Curitiba-PR. Tem como principais objetivos sintetizados no tema “TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA”:

- Lutar pela Terra.

- Lutar pela reforma agrária.

- Lutar por mudanças sociais no país.

A mobilização se dá por meio de marchas e ocupações, que estabelecem os acampamentos do MST. Esses acampamentos acontecem em terras passíveis de serem desapropriadas pelo Governo por estarem em situação irregular (terras consideradas improdutivas).

Quando a terra é desapropriada pelo governo, ela é concedida as pessoas que a estão reivindicando. O assentamento é um processo que costuma levar alguns longos anos.

Atualmente a organização do movimento (MST) é composto por mais de 350 mil famílias e estão por todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, possuem

mais de 2 mil escolas públicas em seus acampamentos e é responsável pela maior produção de arroz orgânico da América Latina.

Também se insere num contexto mais amplo da Questão Agrária Brasileira, e no tema da Reforma Agrária. Que é uma questão não resolvida historicamente tendo em vista a grande desigualdade na distribuição das propriedades.

Para concretizar nosso trabalho de especialização, que tem como foco a Escola, mas também a questões econômica e de sustentabilidade, iniciamos com uma pesquisa descritiva do Assentamento Márcia Cordeiro situado na zona rural de Planaltina, Distrito Federal

Em 2003 esse grupo antes (sem-terra), pleiteava terras da antiga fazenda Monjolo e lagoa Bonita na RA de Planaltina-DF, permaneceram por 6 anos acampados às margens de uma estrada próxima ao local ao qual almejavam estabelecer. Em 2009 o INCRA SR-128 adquiriu as terras, mas por motivos socioambientais inicialmente não foi possível, porém o grupo interessado na área estabeleceu na condição de pré-assentados, com a liberação, as famílias foram distribuídas dentro de 432 há, em 2011 deu o início ao processo de regularização das terras e liberação da licença prévia ambiental por parte do IBRAM, desmarcando a área de preservação (APP) e reserva (RL).



Figura 1 – Localização do Assentamento Márcia Cordeiro Leite.
Fonte: Adaptado a partir do Google Maps.



Figura 2 – Área do Assentamento Márcia Cordeiro Leite demarcada em vermelho.
Fonte: Adaptado do Google Maps.

2) Imagens da internet mostrando a localização do Assentamento Márcia Cordeiro Leite

2.1 Visita ao Assentamento

No dia primeiro de janeiro de 2023 foi realizada a primeira visita (em caráter de estudo) visita ao assentamento com o objetivo de colher algumas informações sobre o assentamento Márcia Cordeiro Leite, como moradia, utilização das terras, sustento das famílias, uso da água e origem da água do consumo.

Foi observado que muitos moradores têm a concessão das terras, mas nem todos, segundo alguns moradores que não possuem documentos da terra, esses tiveram que entrar na justiça para conseguir a terra mesmo esses alegando que estava no movimento desde o início ele não recebem assistência financeira do governo, a água consumida tem diversas origens como: CAESB, caminhão pipa, poço e rio, tem propriedades bem formadas, com casas de alvenaria e plantações vistosas e outras propriedades com barroco de madeira e plantações necessitando de investimentos possui parada de ônibus, mas não souberam opinar sobre o horário do mesmo ele passa 3 vezes por dia, os alunos frequentam escolas de diversas comunidades, como do Jardim do Morumbi, Vale Verde e Palmeiras, os alunos todos possuem ônibus oferecidos pelo governo da comunidade até suas escolas, foi observado plantações de milho, feijão, cana, banana e mandioca, bioma: Cerrado/Cerradão, uns receberam 4 hectares outros 6 hectares, os que receberam mais as suas terras não são 100% produtivas.

2.2 Informações da Entrevista com um morador da região

Informações adquiridas através da entrevista com o presidente da Associação, que possui aproximadamente 6 hectares e é presidente de uma das duas associações do assentamento, o nome do assentamento era para ser “Por do Sol”, mas devido o falecimento de uma funcionária do INCRA, que acompanhou a luta deles, eles fizeram essa homenagem a ela, colocando o nome do assentamento “Márcia Cordeiro Leite, o nome da associação a que ele pertence chama “ASFAMCOL/DF”, que significa Associação dos Agricultores e familiares do projeto de Assentamento Márcia Cordeiro

Leite no tempo que estavam acampados eram 250(ano 2003) acampados e se localizavam na DF 131, foram 9 anos de acampamento eram atendidos pelo INCRA que ofereciam água potável e cesta básica a famílias.

No ano de 2009, foi feito um acordo entre a justiça e o dono das terras onde hoje é o assentamento e foi concedida a terra aos acampados, 70 famílias foram assentadas, o assentamento possui uma reserva legal nativa única e não por chácara as chácaras foram divididas com um tamanho aproximado de 4 a 5 hectares, as estradas e as marcações foram feitas pelos moradores que pagaram aproximadamente 480 reais por família.

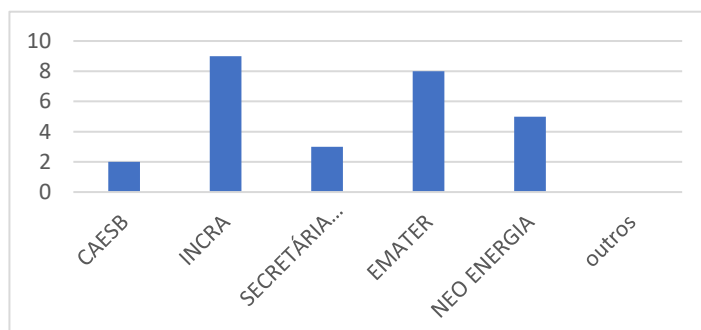
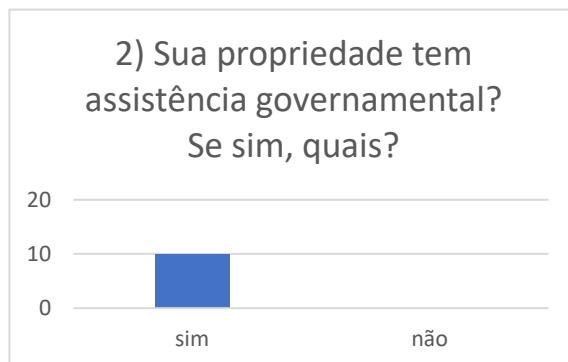
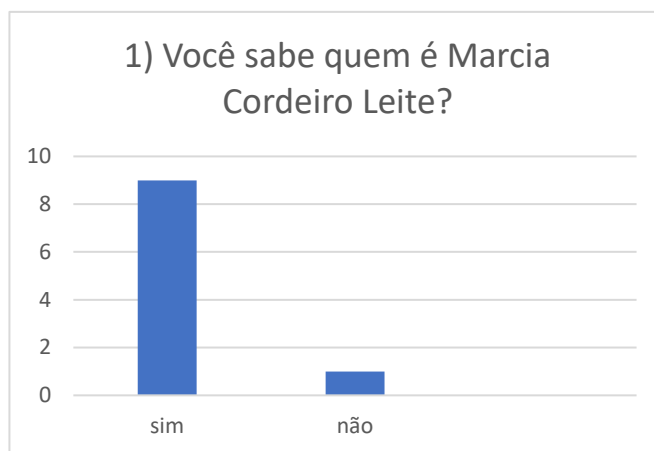
No início do assentamento os moradores recebiam água através do caminhão pipa (500 litros por família, uma vez por semana), que colocava em caixas de água compradas pelos moradores e ficavam em frente as propriedades.

Em 2014 foi elaborado e feito um plano de levar água da CAESB, para todos os moradores, foi feito o encanamento e a caixa d`água, mas até hoje não levou água a nenhuma propriedade, segundo informações, a falta de pagamento levou a não continuidade do serviço, hoje está em andamento um canal que vai funcionar por Inércia do Ribeirão Palmeiras, Bacia Hidrográfica do Rio Maranhão, que vai chegar à casa de todos os moradores associados que fizeram uma caixa com a orientação da EMATER, parceira do assentamento, o transporte público passa na DF 131, 3 vezes ao dia.

Os professores Janaína e Flávio conseguiram 50 mil reais para criar a agroindústria de frutas desidratadas e a professora Juliana do Senar assumiu, mas a falta de água inviabilizou o projeto. Pretende-se retornar quando o canal de água começar a funcionar.

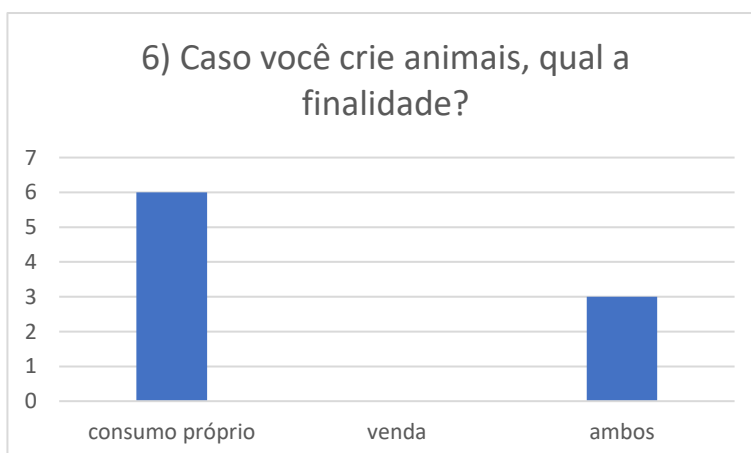
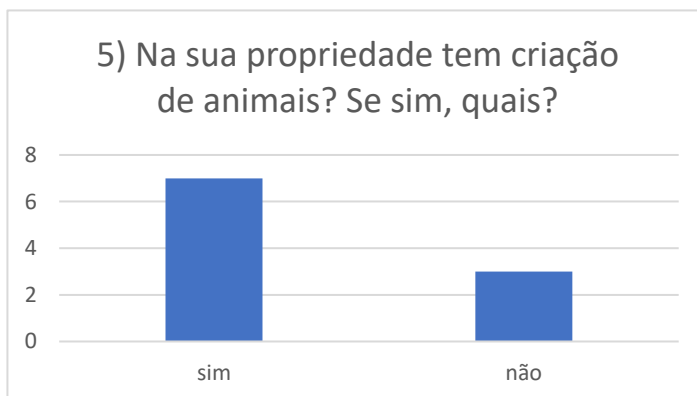
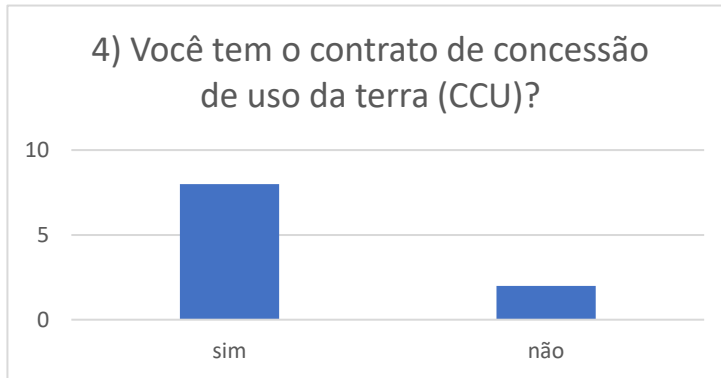
3 Dados da Pesquisa: Instrumento da Pesquisa: Questionário

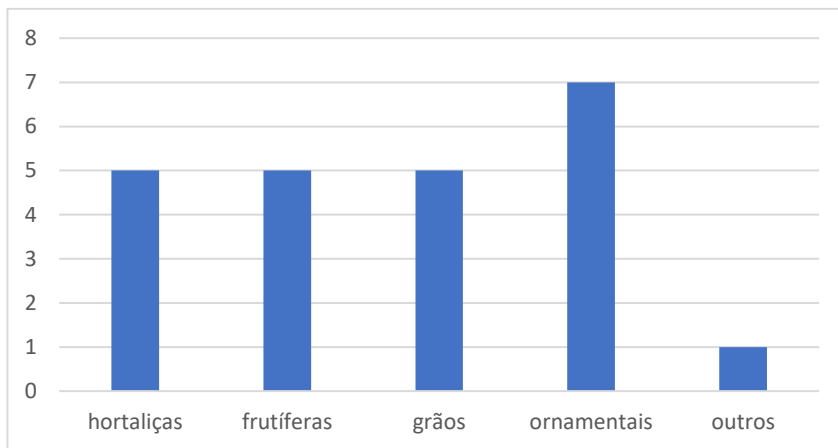
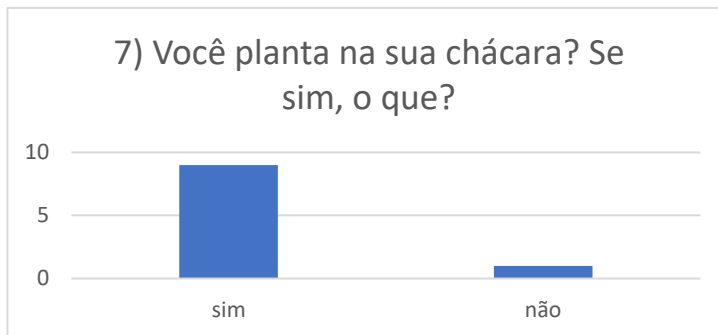
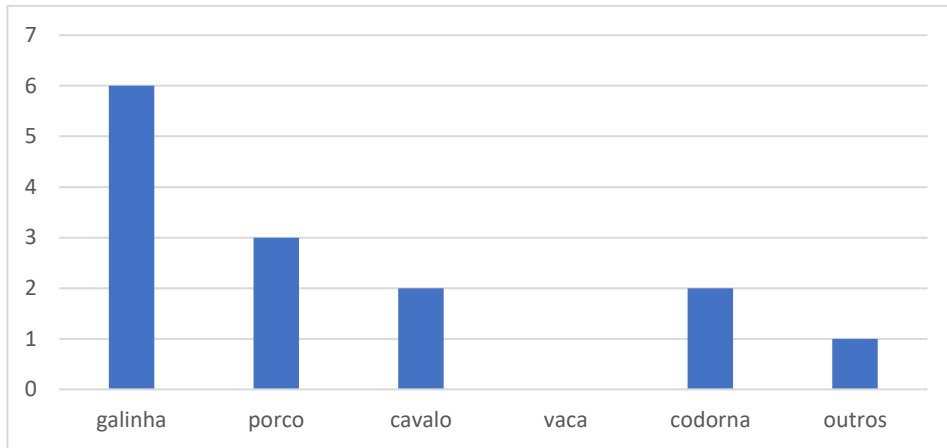
Além da visita de campo, dos registros realizados nas ocasiões em que estivemos com a Comunidade e a Escola. Aplicamos esse questionário que visa trazer dados para a conclusão do curso de pós-graduação das professoras, Ziziléia Cavalcante e Célia Marques, ambas trabalham na escola CED Osório Bacchin.



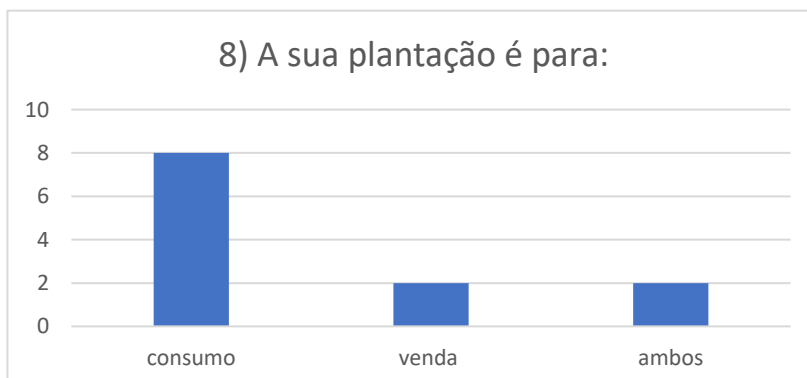
3) Quanto tempo você está assentado?

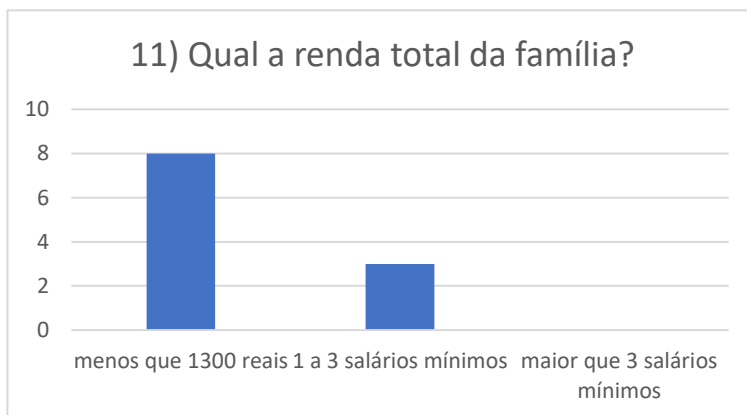
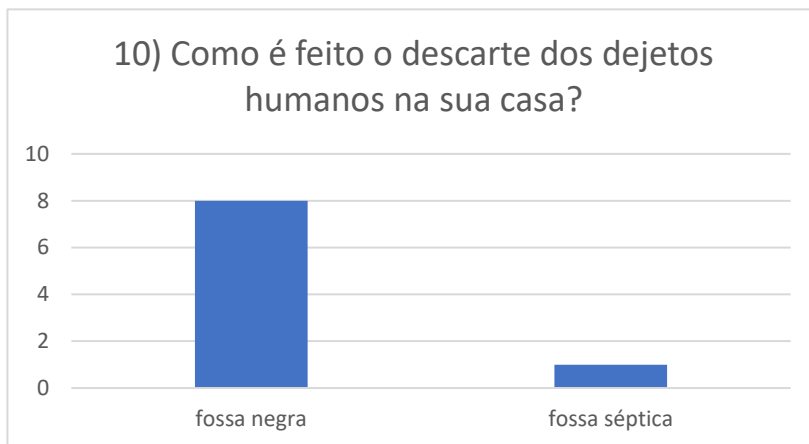
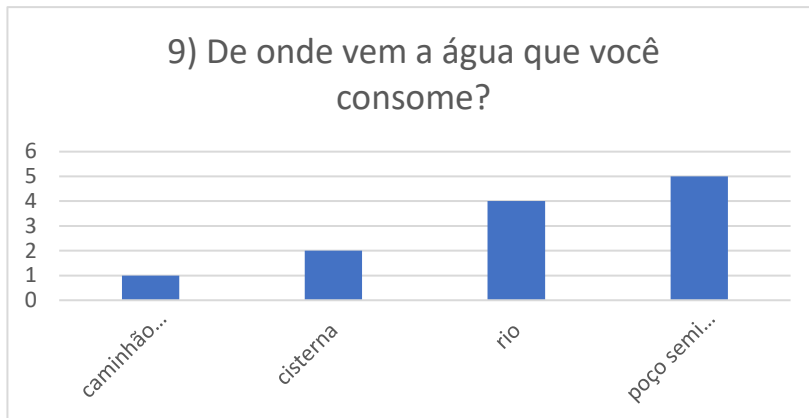
1 ano e 3 meses, 8 anos, 10 anos, 11 anos, 15 anos, 16 anos, e 20 anos.

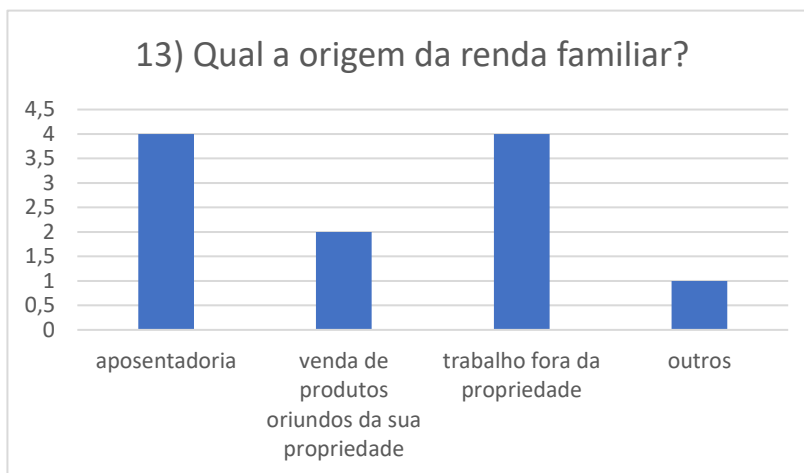
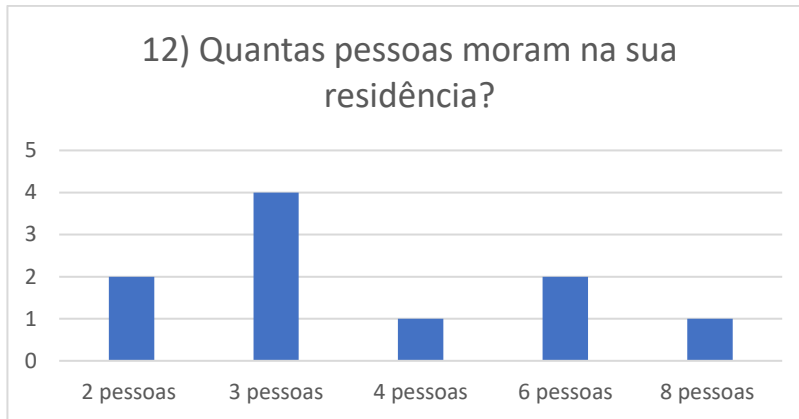




Outros: mandioca







Outros: bolsa família

4 Análise dos Dados e As Questões Econômicas no Assentamento Márcia Cordeiro Leite:

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como, os moradores do assentamento Márcia Cordeiro Leite, conseguem a renda familiar para garantir a sobrevivência e a realização do sonho de ter um pedaço de terra próprio para morar e garantir a dignidade. Além disso, permitiu uma pesquisa de campo para obter dados mais consistentes sobre a etapa do processo; entrevista com moradores, questionário com as famílias dos alunos do CED Osório Bacchin e mulheres empreendedoras da comunidade.

A proximidade com os moradores, com a associação local e visitas aos órgãos governamentais como a EMATER, nos trouxe um maior conhecimento sobre a luta e os agentes envolvidos neste movimento social (MST) tão importante para as famílias envolvidas e a destinação correta do uso da terra.

Ao observar os gráficos elaborados a partir dos questionários respondidos pelas famílias dos estudantes percebemos que no **gráfico 02** 80% das famílias recebem Auxílio governamental como a Bolsa família, e no **gráfico 13** a renda vem de aposentadorias e trabalho fora da comunidade, uma pequena parcela de renda vem da venda de produtos das chácaras (vegetais e animais).

Em uma conversa informal com moradoras da localidade na sede da Associação sobre o empreendedorismo, como a agroindústria de frutas desidratadas, o artesanato com palha de bananeira, bolos decorados e costureiras, a maior dificuldade é a falta de transporte para sair da comunidade e chegar em centros para comercializar os produtos, dependem de terceiros para fazer os contatos e programas do governo em feiras e nem sempre esses processos trazem retorno financeiro.

Se planta principalmente para o consumo e quando há sobras acontece a venda o mesmo acontece com os animais criados para o consumo.

Com a apuração dos resultados da pesquisa e visitas a comunidade os objetivos propostos foram parcialmente alcançados; pois a comunidade Márcia Cordeiro Lima tem muitos problemas a serem resolvidos apesar de toda a luta que percebi nas conversas que tive com os moradores. O lote de terra é apenas o começo de muita luta, dedicação e desafios que essas famílias terão que enfrentar.

Há uma imensa vontade por parte dos moradores por iniciativas políticas que ajudem o desenvolvimento da comunidade e também por seus jovens.



7) Mulheres da comunidade preparando frutas secas



8 - Frutas secas nas bandejas prontas para o processo de desidratação e materiais feitos da folha de bananeira seca sendo expostos para a venda

5. Desafios da Sustentabilidade no Assentamento Márcia Cordeiro

Leite:

A região conta com uma reserva, e essa reserva é incomum sendo única no assentamento, eles possuem assistência da EMATER, INCRA, UNB, ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO, ETC. Esses órgãos trabalham em parceria trazendo melhorias a região com assistência a meios de produção agrícola, com projetos, atendimentos as propriedades e acompanhamento, mas não recebem incentivo em dinheiro.

Observamos que há uma plantação mais caracterizada como doméstica ou troca e quando sobra se possível acontece a venda, os adubos são adquiridos dos próprios animais domésticos, como aves, porcos, cavalos e vaca, segundo a EMATER, não há no local plantação orgânica certificada, mas que eles dão assistência e incentivam a prática, a água vem de diversos caminhos na sua maioria das vezes por poços semi atesiano e artesiana e rio, mas também por cisterna e caminhão pipa. Há criação de animais para o próprio consumo como galinhas, porcos e codornas. A pesquisa observou que se planta mais plantas ornamentais do que para o consumo. Se planta para o consumo hortaliças, frutíferas e grãos.

Os assentados tem o objetivo de plantar e colher, mas faltam políticas públicas e incentivo. Vemos a necessidade de uma explanação para os moradores sobre os cuidados com o solo e com a água, água essa que faz muita falta para o desenvolvimento do setor.



9) Moradora mostrando as caixas de águas que o carro pipa coloca a água



10) Foto mostrando uma plantação de bananeira



11) Foto mostrando uma plantação simples de milho



12) Foto mostrando uma plantação grande milho



13) Foto mostrando uma chácara com uma construção de uma casa de alvenaria e uma caixa de água de alvenaria também



14) Caixas de água feitas pela caesb, mas não fornece água, por falta de pagamento



15) Parada de ônibus



16) Entrada de uma chácara que já tem uma estrutura boa de portão e cerca

5.1 O Canal : uma construção coletiva e participativa

Hoje está em andamento um canal que vai funcionar por Inércia do Ribeirão Palmeiras, a água passará por dentro de algumas parcelas previamente e autorizada por seus proprietários e os seus representantes legais. A Emater é parceira de elaboração do canal e construção do referido do canal, e conjunto com SEAGRI/DF. Cada morador precisa indicar ou pagar um profissional(ajudante) para ajudar os maquinários e profissionais indicados SEAGRI/DF e coordenado pela Emater/DF com apoio de AFAMCOL-DF. Esse canal vai servir para irrigação, criação de animais entre outras funções. O projeto poderá atender até 28 famílias.



3. Desenho do caixa que vai fazer parte do canal



4) Preparando as caixas para armazenamento da água



5) Construção da caixa em si.



6) Pessoal da Emater e moradores perfurando o canal

6. O Território e Seus Sujeitos

Inicialmente entendemos que precisamos qualificar, identificar, descrever quem são os sujeitos deste trabalho, onde vivem, estudam, constroem suas relações sociais e seu território, ou seus territórios.

Docentes, estudantes e comunidade se juntam e enriquecem a descrição do Inventário no âmbito Histórico Social e Ambiental para a valorização da memória local na perspectiva da reconstrução da identidade e pertencimento dos sujeitos do campo.

“devemos entender o território como lugar onde se realizam todas as ações, paixões, poderes, forças e franquezas; sendo ele o lugar onde a história do homem se realiza a partir da manifestação de sua existência (SANTOS, 2007)

O ponto de partida para uma reflexão sobre o Território é o Espaço. O espaço é a materialização da existência humana (LEFEBVRE, 1991, p. 102). A amplitude desta significação exige muita atenção de nossa parte, para não reduzirmos o espaço a um fragmento. O espaço é uma totalidade. É assim que Milton Santos define o espaço: como conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ação, que formam o espaço de modo, indissociável, solidário e contraditório (SANTOS, 1996, P. 51). Apud FERNANDES, Bernardo Mançano (SINGA 2007)

De acordo com Callai (2010, p.2), citado por Ramos (2015 “[...] a pesquisa na escola se apresenta como possibilidade busca/investigação e produção de conhecimento”.

Como já mencionado, os nossos estudantes são oriundos de diversas localidades e glebas abrangentes a região territorial da área escolar, a saber: Jardim Morumbi, Palmeiras, Vale Verde, Monjolo, Quintas do Maranhão e Assentamento Márcia Cordeiro e outras fazendas.

Estes estudantes moram em chácaras ou fazendas, sendo que vários de seus pais e/ou responsáveis atuam como caseiros ou trabalham na agricultura familiar. Alguns são agricultores rurais produzindo suas próprias rendas a partir do trabalho no meio rural, e outros, pagam aluguéis ou residem de favor e trabalham nas cidades próximas: Brasília, Sobradinho, Planaltina DF/GO.

Estas informações foram revitalizadas por meio de entrevista dirigida por questionário pelos estudantes as suas famílias e catalogados em 2022.

A seguir apresentamos uma síntese da caracterização da comunidade e sua localização em aspectos geográficos e regularização fundiária.

Quadro da Caracterização, Localização e Principais Produtos das comunidades:

Jardim Morumbi “É o único rural do DF regularizado”

(Recorrente na fala de todos os entrevistados/ moradores)

Localização: à margem esquerda do Rio Maranhão, limita-se a oeste com a comunidade Quintas do Maranhão.

Economia: Criação de animais como: chinchilas, javalis, produção industrial de frangos, propriedade de produção de hortaliças orgânicas e propriedade com atividade de turismo e lazer.

Atividades de subsistência com exploração de pomares e hortas domésticas, produção de milho, feijão, mandioca e animais como galinhas caipiras (regime extensivo) porcos e cavalos.

Comércio: Mercado, bares, mercearias em casas, produção de manilhas e tijolos de cimento.

Relevo: O relevo varia de suave a ondulado.

Acesso: DF 128 e 205

Situação fundiária: Regularizado /Associação Rural e Comunitária Jardins do Morumbi (1986)

Ponto Turístico: Recanto Coimbra

Monjolo

Localização: faz limite a oeste com a Estação de Águas Emendadas.

Economia: Produção de grãos (milho e soja), piscicultura, muitos de seus moradores são funcionários públicos e trabalham fora.

Plantações de subsistência: milho, feijão, hortaliças e criação de animais de pequeno porte.

Comércios: pequenos bares e mercearia.

Associação: ARCON (Associação Rural e Comunitária do Monjolo/1988)

Acesso: DF 128, 131 e 205.

Vale Verde

Localização: confronta a Leste com a comunidade Quintas do Rio Maranhão. E faz vizinhança com o Jardim Morumbi.

Economia: Produção de hortaliças com sistema de irrigação e aspersão; uma agroindústria de processamento de leite; avicultura de corte industrial em dois galpões, com produção de 25.000 frangos a cada 45 dias. Criação de gado de corte e de leite; piscicultura; estufas para produção de cogumelo Shitake e viveiro para produção de plantas ornamentais, pomares, hortas domésticas, milho, feijão, mandioca e criação de galinhas caipiras, suínos, equinos contribuindo para a geração de emprego e renda.

Associação: APROVALE (Associação Rural e Comunitária dos produtores Rurais do Vale Verde /1984).

Relevo: é suave com declive entre 2 e 4 %. O lençol freático é raso e as cisternas têm profundidade de 5 a 8 metros.

Acesso: DF128 e DF 205.

Quintas do Rio Maranhão

Localização: às margens esquerda do Rio Maranhão

Economia: Produção de hortaliças folhosas utiliza-se o sistema de micro aspersão e irrigação.

As outras propriedades têm hortas domésticas e pomares. No comércio pequenos bares.

Associação: **APROCRIMA (Associação de Produtores Rurais e Comunitária do Rio Maranhão)**

Acesso: DF 128

Ponto Turístico: Hotel Fazenda

7. O Inventário da Escola: uma construção coletiva com muitas, mentes e mãos

O Espaço Físico da Escola

O espaço interno da escola conta com 06 salas de aula e um pátio, não dispomos de laboratórios (informática e Ciências Naturais), refeitório e auditório.

BLOCOS

ESPAÇO FÍSICO

SALA DE MECANOGRAFIA / COORDENAÇÃO

SALA DA SECRETARIA

SALA DA DIREÇÃO

BANHEIRO PARA PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

BLOCO A

BANHEIRO PARA PROFESSORAS E FUNCIONÁRIAS

	SALA DOS PROFESSORES
	COPA DOS PROFESSORES
	SALA DE LEITURA
	BANHEIRO MASCULINO COLETIVO DE ALUNOS
	BANHEIRO FEMININO COLETIVO DE ALUNOS
	SALA 1 – SALA DE AULA
	SALA 2 – SALA DE AULA
BLOCO B	SALA 3 – SALA DE AULA
	SALA DOS SERVIDORES
	BANHEIRO DOS SERVIDORES
	CANTINA / DEPÓSITO
BLOCO C	SALA DE RECURSOS / EEAA (EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM)
	SALA 4 – SALA DE AULA
	SALA 5 – SALA DE AULA
	SALA 6 – SALA DE AULA
SEM BLOCO	PÁTIO COBERTO
	QUADRA ESPORTIVA / SEM COBERTURA

Dados de Identificação da Instituição Educacional

Instituição de Ensino	de	Centro Educacional Osório Bacchin
Data de Fundação	Ano de	1.989
Endereço		Zona Rural Jardim Morumbi na Quadra “G” Lote 22

Endereço eletrônico		
Localização	Escola do Campo situada na zona rural próximo a cidade de Planaltina DF e de Planaltina-GO.	
Mantenedora	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF Coordenação Regional de Ensino de Planaltina –CRE-DF	
Nível de ensino	Educação Básica	
Modalidade de ensino	Ensino Fundamental Séries Finais (3º Ciclo) Ensino Médio (Semestralidade)	
Turnos de funcionamentos	Diurno (matutino / vespertino)	
Horário de funcionamento	Matutino 7h às 12 h. Vespertino: 13h às 18h	
Secretaria Escolar	8h às 12h 13h às 17h	

8. A Construção do Inventário

Centro Educacional Osório Bacchin na construção do seu Inventário tem como objetivo identificar as fontes educativas do meio, sejam elas de caráter natural, histórico, social e cultural, bem como as dificuldades vivenciadas em sua realidade atual.

Buscamos compreender o campo como espaço de produção de vida, cultura e educação e pretende-se que as pessoas tenham oportunidade de acesso à educação no lugar onde vivem, tendo a oportunidade de participar do processo de construção da proposta educativa, que deve ocorrer a partir de sua própria história, cultura e necessidades.

Compreendemos o campo, de acordo com o que preconiza os pressupostos teóricos do currículo em movimento, como um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, cuidado com o conjunto da natureza e novas relações solidárias que respeitem a especificidade social, étnica, cultural, ambiental dos seus sujeitos.

A concepção de que o meio rural é um espaço de atraso foi fortalecida a partir da primeira metade do século XX, com o surgimento de um discurso modernizador e urbanizador, que enfatizava a fusão entre os dois espaços, urbano e rural, por acreditar que o desenvolvimento industrial, em curso no Brasil, faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural. Segundo a ideologia da modernização, “o campo é uma divisão sociocultural a ser superada, e não mantida” (BRASIL, 2005, p.8).

Temos consciência que o território do campo vai muito além de um espaço de produção agrícola; o campo é território de produção de vida, de produção de novas relações sociais, de novas relações entre as pessoas e a natureza, de novas relações entre o rural e o urbano.

Não podemos admitir que o campo seja considerado lugar de atraso e de discriminação, acreditamos que seja uma possibilidade de vida e de trabalho para muitas pessoas, acreditamos que a Educação do Campo nos abre a possibilidade de uma educação além do capital, uma educação libertadora, como bem nos aponta Paulo Freire, capacitando sujeitos que pensam, agem e transformam o mundo.

O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso. Assim, é importante a superação da dicotomia entre o rural e o urbano (Arroyo, Caldart e Molina 2004). Para dar continuidade à nossa análise apropriamos do movimento “Por uma educação do campo” a concepção sobre o que seria uma escola do campo: aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva

do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população (Fernandes, Cerioli, Caldart, 2004, p.53).

Estamos envolvidos no propósito de evidenciar nas nossas práticas Pedagógicas da Educação do Campo as concepções que envolvem o desenvolvimento humano e a apropriação dos conhecimentos articulados a vida e a cultura do sujeito do campo.

Desta forma, a equipe pedagógica do CED Osório Bacchin busca vincular a apropriação dos conhecimentos curriculares a vida dos sujeitos.

“...Tais abordagens e práticas pedagógicas devem apoiar-se no modo de existência desse sujeito camponês objetivando a superação da dicotomia rural/urbano e da visão preconceituosa e equivocada do campo como lugar de atraso, distante do conhecimento científico e da vida intelectual, considerados como presentes somente na cidade.” (SEEDF, DIRETRIZES PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2019, p.13).

Nesta perspectiva de trabalhar o Currículo em Movimento e as Matrizes Formativas da Educação do Campo (Terra, Trabalho, História, Cultura, Luta Social, Vivências de Opressão, Conhecimento Popular, Organização Coletiva) no direcionamento do seu fazer pedagógico, entendemos que os desafios são grandiosos, mas estamos avançando da implementação desta prática, a partir das coordenações coletivas e formações continuada.

Procuramos ainda observar as competências gerais da educação básica, dentre as principais:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência e responsabilidade.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Nas diretrizes operacionais da Educação do Campo apontam concepções importantes, que devem ser muito bem observadas: a identidade da Escola do Campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade, sem deixar de fora os movimentos sociais e a defesa de projetos vinculados às soluções exigidas, com vistas à garantia da qualidade social da vida coletiva no país.

Outra concepção importante da Educação do campo é a ligação da escola com o meio, com a realidade. Isto torna a escola viva, inserida na atualidade e tendo o trabalho com princípio educativo, que fornece também as bases para os processos pedagógicos participativos.

Ainda considerando o Currículo em Movimento e seus pressupostos teóricos nota-se que a vida do campo se difere da vida da cidade e que os sujeitos do campo têm matrizes formativas próprias, a saber: o trabalho, a terra, a cultura, a história, as vivências de opressão, os conhecimentos populares, a organização coletiva e a luta social. O campo possui sua singularidade, assim como a cidade possui a sua.

Observamos que o currículo, na perspectiva da Educação do Campo, deve desenvolver a base das ciências a partir de conexões com a vida, permitindo ainda que entrem no território do conhecimento legítimo e as experiências e saberes dos sujeitos.

Deste modo, o Inventário Histórico, Social Cultural e Ambiental: Quem conta um conto aumenta um ponto, do CED Osório Bacchin, apresenta em seus aspectos didáticos metodológicos as complexidades teóricas dos componentes curriculares vinculados as matrizes formativas, para a Organização de sua Construção Coletiva, conforme mencionado: **Luz, Câmara o Campo em Ação: Seja Protagonista da sua História.**



17 – Símbolo da escola do Campo da Escola Osório Bacchin

A aprendizagem é um processo lento e complexo, para sua materialização é necessário estudos contínuos e aprimoramento e o seu fazer de forma a trazer quem aprende a uma imaginação que lhe traga uma visualização do que se quer aprender assim, tornar o percurso, um caminho de longas descobertas e sistematização.

As escolas do campo são sinônimos de luta e conquistas e para sua perpetuação a apropriação do conhecimento científico é o único caminho visualizado.

O estudo voltado para o trabalho traz oportunidades para os jovens crescerem e se realizarem como pessoa, como cidadão, como seres dotados de conhecimentos e sedentos de mudança que traga desenvolvimento onde o rodeia.

Quando se refere “educação para o trabalho”, a escola se torna meio e fim de formação dos seus cidadãos dignos de uma vida tranquila onde se tem uma pessoa realizada profissionalmente e satisfeita com seus objetos e sonhos. A escola conhece esse aluno em sua totalidade, suas fraquezas, seus desafios e suas capacidades. Por traz de um aluno feliz está um aprender que não o exclui do seu dia-a-dia, da sua rotina.

Hoje vejo como grande desafio na educação os estudos e os projetos oriundos de estudiosos da educação que trazem uma teoria muito rica, mas que a realidade não permite essa aplicação, pois se depara com uma escola despreparada em formação profissional e fisicamente não adaptada. Um modelo que deu certo, não quer dizer que cabe na minha escola, na minha realidade, palavras bonitas e vazias não enchem prato, a cada dia o desafio é maior, pois o sistema de aprendizagem não se atualiza com as tecnologias, temos uma escola do passado, com um aluno do futuro.

O aprender é como uma germinação que precisa de algo simples, mais necessário, não há continuação. Um estudo sem desafios não forma cidadãos preparados para a luta. Os estudantes estão cada vez mais tecnológicos, mas não é capaz de realizar uma simples equação, e isso está no seu currículo de forma abstrata e o objetivo se torna um conhecimento solto que não acrescenta conteúdo para sua memória, e é esquecido rapidamente.

Nosso estudante não se desafiará se o vemos como oprimido, vê-lo como alguém de potencial, passa ele de incapaz para capaz. Ao redor de cada um se tem uma história e essa é cheia de detalhes que o torna único, e essa bagagem está cheia de fios que precisam ser afiados e tecidos.

O estudo sobre a escola do campo vem trazer a nós professores do campo, um incentivo e uma preparação para vemos nosso aluno e nossa escola de forma a casá-los com nosso currículo escolar e a partir daí ter prosperidade.

Um fato que hoje temos é a evasão escolar, menos de 50% dos alunos do campo, fazem ensino médio é necessário garantir uma escola pública para o

camponês, feita pra suprir suas dificuldades, alunos evadindo, escolas fechando, triste realidade que bate na nossa porta, essa escola marcada pela exclusão, pela dicotomia entre o rural e o urbano precisa se materializar em uma realidade onde se leve em conta o campo, política pública e educação.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos durante toda a pesquisa que os moradores do assentamento são muito carentes e necessitam de toda ajuda do estado desde se alimentar a cuidar da saúde, são pessoas expostas a falta de água, de alimentos, de transporte público, assistência à saúde, formação profissional e ajuda financeira para seu desenvolvimento, mas não falta autoestima e disposição, são pessoas que estão na luta a anos e ainda esperam por dias melhores, por isso os órgãos públicos devem olhar com muita atenção aquela comunidade carente para que ela possa desenvolver e estabelecer como todos ali sonham.

O intuito de todo trabalho foi conhecer a comunidade e os alunos atendidos pela escola CED OSÓRIO BACCHIN, e utilizar essas informações em benefícios para dos estudantes e da comunidade escolar.

A escola oferece aos alunos projetos que lidam com a autoestima, desenvolvimento profissional e conhecimentos ambientais, além das mulheres do Assentamento participarem de uma feira anual, chamada “Feira Campesina”.

Com as informações adquiridas com o TCC, procuraremos abordar mais tempo com os pontos que necessitam de atenção, para oportunizar aos alunos e familiares orientação para que tenham uma melhor condição de vida.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez, CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna: Por uma Educação do Campo. Petrópolis. R.J. Vozes – 2004

BRASIL. Ministério da Educação – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Referência para uma política nacional de Educação do Campo. Caderno de subsídios, Brasília, DF, 2005.

CARVALHO, A. M. de; LIMA, J. E. F. W.; PARENTE, L. C. P.; LIMA, L. R. de. Agricultura familiar, agroecologia e sem-terra: interfaces e desafios. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 2, n. 2, p. 409-412, 2007.

CORDEIRO, E. G.; BAZZO, W. A.; MAIA, A. G. de O. Assentamentos rurais e agricultura familiar: a sustentabilidade socioambiental no contexto da agricultura camponesa. Cadernos de Agroecologia, v. 7, n. 1, 2012.

CENTRO EDUCACIONAL OSÓRIO BACCHIN. Inventário Histórico, Social, Cultural e Ambiental da Educação do Campo: Quem conta um Conto, Aumenta um Ponto, CRE-Planaltina- DF, 2022.

___ Projeto Político Pedagógico CED Osório Bacchin. Planaltina, DF, 2022

Publicação de 2019 no site www.politize.com.br

FERNANDES. Bernardo Mançano. http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2008.pdf

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. “Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório”. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, R. A.; BOMFIM, M. A. D. Ecologia e agricultura familiar: a proposta agroecológica para assentamentos de reforma agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 3., 2001, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ABRA, 2001. p. 1-5.

OLIVEIRA, JORDAN PAULO SILVA DE (Planaltina, 2013) trabalho:
ORGANIZAÇÃO COLETIVA EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA
AGRÁRIA: ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO MÁRCIA CORDEIRO
LEITE – PLANALTINA/DF

PISTRAK, Moisey Mikhailovich. Comuna escolar. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTOS, A. S.; CAVAROZZI, A. P. D.; MORAES, M. A. de; SILVA, M. A. da. Agroecologia e agricultura familiar: desafios para a construção de uma nova ruralidade. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 5, n. 1, p. 144-148, 2010.

SANTOS, M. E. dos; ROCHA, M. C. da; CHALFUN, N. N. J.; SANTIAGO, R. C. P. Sem-terra e a produção agroecológica: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável no espaço rural. Cadernos de Agroecologia, v. 5, n. 2, 2010.

SILVA, J. M. da. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável em assentamentos da reforma agrária. Cadernos de Agroecologia, v. 3, n. 1, 2008.